

Agradecimento

Virgílio Távora

Vivemos numa época em que, a pretexto de autenticidade, nos lançamos contra tudo o que parece carente de sinceridade.

Chegamos, assim, a menosprezar ritos e símbolos, questionando até, em termos bizantinos, a validade do nexos entre eles e a própria realidade que representam.

O símbolo, observa Mircea Eliade, “dirige-se ao ser humano integral e não apenas à sua inteligência. Daí transmitir sua mensagem, mesmo se já não é compreendido conscientemente na sua totalidade”.

Valendo-se da ritualística, está a Academia Cearense de Letras, nesta noite, a recordar os albores de sua fundação, quando, em 15 de agosto de 1894, um grupo de intelectuais se reunia aqui, neste mesmo paço da assembléia, fazendo nascer essa instituição, a mais antiga do país, que precedeu à própria Academia Brasileira de Letras.

Procede-se, agora, à entrega do título de “sócio honorário” a três amigos distinguidos com a honraria, no início do ano:

- O economista Nilson Holanda, técnico com visão de humanista, que tantos recursos proporcionou, quando à frente do Banco do Nordeste do Brasil, às principais entidades culturais do Estado, notadamente ao Instituto do Ceará e a esta academia;
- O Dr. José Bonifácio Câmara, colaborador silencioso, que, há muitos anos, chamou a si o encargo de enriquecer o acervo da biblioteca Justiniano de Serpa;
- E o orador que, ao ser agraciado, representava o Ceará na Câmara Alta da República.

Foi-me delegada a honrosa incumbência de falar em nome de todos, para externar a tão conspícuo sodalício nosso reconhecimento.

Não é sem muita emoção que o faço, dadas as ligações de família que me prendem à academia.

Exatamente nesta data, há 85 anos, meu avô, Virgílio Augusto de Moraes, ingressava nos quadros da instituição como sócio fundador, e meu pai, Manuel do Nascimento Fernandes Távora, chegou a comemorar, em 1972, suas bodas de ouro acadêmicas.

Herdei, portanto, de ambos o gosto pelas cousas do espírito, fato que se associa ao júbilo pelo recebimento desse título de acadêmico honorário.

Rezam as crônicas da academia o quanto deve a instituição ao apoio de um governante, no caso o presidente Justiniano de Serpa, aliás um dos seus fundadores, que, em momento crítico, nos idos de 1922, tomou a iniciativa de sua reorganização, em ato solene realizado no próprio palácio do governo.

Vem a propósito o aforismo francês: “le mort saisit le vif” — para simbolizar que as lições do passado servem de inspiração ao presente.

Assim, praça aos céus que o governador, ora generosamente homenageado, possa continuar a tradição de amizade e ajuda à academia — que a tanto o impelem a voz do sangue e o exemplo do presidente Serpa.

Vive nossa civilização o drama do conflito homem *versus* máquina, tão bem enfatizado por Toynbee em seus estudos históricos.

Os valores humanos são contestados pela exacerbação do tecnicismo.

E, como na lenda do “Aprendiz de Feiticeiro”, a humanidade, sem saber controlar as fabulosas forças que desencadeou, corre o risco até de autodestruição.

Ainda é hora de salvar o homem, “humanizando” a cultura.

A existência de entidades, como a academia, responde a essa necessidade.

Na sua presidência, se encontra o acadêmico Cláudio Martins, a cujo entusiasmo e dinamismo se deve a sua volta à atual sede, onde teve origem com o brilho inusitado de grandes realizações.

Nada mais grato para um chefe de Estado do que a possibilidade de prestar sua colaboração à educação e às letras de sua terra, máxime em se tratando de instituições do porte e da tradição da Academia Cearense de Letras.

Nosso muito obrigado, senhores acadêmicos!